



BREVE NOTA SOBRE O ALARGAMENTO DO REAL OU:
TRANSFIGURAR O OLHAR AO ESPAÇO FICCIONAL¹

Luana Barossi*

*Miguilim olhou. Nem não podia acreditar!
Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas.
(Guimarães Rosa – Manuelzão e Miguilim)*

Antes de colocar os óculos, Miguilim não sabia se o Mutum era bonito ou feio. Ele vivenciava o espaço com um olhar ao mesmo tempo inocente e míope, sendo o primeiro adjetivo capaz de uma experiência profunda e não mediada pela excessiva racionalização, enquanto o segundo o provocador da incerteza sobre as bordas das coisas. Ele indaga: “Tio Terêz, o senhor acha que o Mutum é lugar bonito ou feioso?” (Rosa, 1997, p. 7), pois não conseguia divisar os contornos com clareza. Quando o Doutor José Lourenço coloca os óculos no menino, foi o enxergar tudo pela primeira vez: a vastidão do Mutum, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Essa é a potência do espaço na obra literária: ele permite que, assim como Miguilim, enxerguemos as coisas com uma contemplação de estreia, mesmo as coisas que já estavam lá. Mas esse espaço tem mais dimensões além do enaltecimento do lugar de origem por Gonçalves Dias, da descrição sofrida do retirante sertanejo de João Cabral, da ilha habitada por bruxas de Franklin Cascaes, da Itaparica de João Ubaldo, dos Sertões de Euclides da Cunha e Rosa, da favela do Canindé de Carolina de Jesus, da violenta urbe paulistana que engole a Mauricéa, de

Adrienne Myrtes, e até mesmo do Mutum do Miguilim. Todos esses espaços habitam um espaço maior, aquele que podemos chamar de espaço da literatura. Se, como Miguilim antes dos óculos, nós não enxergarmos além das margens do que já temos instituído como esse espaço, ele ficará restrito a um miolo estagnado.

Essa restrição é intensificada por uma leitura bastante reduzida que se faz hoje do conceito de *mimesis*: passa-se a entender a obra literária como uma representação de certo real dado. Mesmo obras que flertam ou se constroem no terreno do insólito recebem, por vezes, interpretações alegóricas que as reduzem ao real como o temos engendrado como senso comum. Formam-se esquemas eficazes de leitura e interpretação, sempre forçando a obra àquilo que já existe na nossa cosmovisão. Assim, como uma bola de neve em uma avalanche, a situação se amplifica. O leitor, habituado e confortável com esse esquema, passa a esperar que a obra represente o “eu” e o “meu entorno”. Como se olhasse para um espelho no ato de leitura, espera ver-se representado. Felizmente, a obra literária é escorregadia e trapaceira e tende a

¹ Este texto é uma reescrita de texto meu publicado na Revista Temporã, edição de Maio de 2021.

* Professora de Literatura do LLV – UFSC. Este texto é uma reescrita de texto meu publicado na Revista Temporã, edição de Maio de 2021.

transfigurar até essas instâncias familiares, à maneira do espelho da Alice de Carroll. Essa trapaça não se dá apenas no plano do enredo, mas na própria linguagem literária, que nos permite “trapacear com a língua, trapacear a língua”, como bem descreve Barthes (2007, p.16). O leitor não apenas não enxerga a si e ao seu ao entorno na obra, como esperava, mas vê-se atravessado ao outro lado. Quando retorna, não é mais o mesmo e seu entorno tampouco o é. O retorno não é um retorno, no final das contas, mas uma construção. Assim, o espaço se reconstrói, amplia-se. Os óculos compelem a enxergar um Mutum mais amplo, multidimensional, provocado *pela salutar trapaça da língua*².

Há uma tentativa de se beneficiar dessa salutar trapaça em um título como o deste texto que você lê agora. O estranhamento provocado pela seleção e ordenação lexical é deliberado, propõe-se a dilatar o espaço da linguagem no momento em que alguém parar para se questionar: por que a escolha de “ao”? Como assim transfigurar o olhar? A escolha lógica, dentro do instituído, seria algo como “transfigurar o espaço ficcional com o olhar”. Mas, se assim fosse, estaríamos ainda escravos do que já está estabelecido como constructo, pois significaria forçar uma leitura a partir do olhar externo. A elaboração do título, assim, indica que não é apenas o espaço ficcional que se transfigura no processo, mas o próprio olhar muda de estado quando vestimos os óculos com Miguilim. Encontramo-nos transfigurados. Como, então, a *mimesis* seria a representação de um real dado, se a própria construção do real é alterada no encontro?

Encontro é também um termo esquisito para ser usado nesse contexto, se não estivermos pensando no ato de leitura pela herança espinosana: como um encontro de corpos muito vivos, o corpo leitor e o corpo da obra. Essa concepção traz uma transfiguração também naquela noção limitada de *mimesis*. Nesse aspecto, o conceito de “*mimesis* da produção”, elaborado pelo professor Luiz Costa Lima, oferece um alento teórico: “o próprio da *mimesis* da produção é provocar o alargamento do real, a partir mesmo de seu deficit anterior” (Lima, 1980, p.170). Essa afirmação faz-nos compreender que não era apenas o conceito de *mimesis* que encontrava uma limitação, mas a própria concepção de real pautada por nossa tradição de matriz cartesiana. O espaço da literatura incita um trânsito entre o possível e o impossível, de forma a promover, no momento do encontro, uma atualização

do que era, até então, o real. A *mimesis* de produção faz o possível transitar para o real, atualizando-o. Assim como Bachelard propôs que o real é uma das formas do possível, Costa Lima indica que os inúmeros possíveis podem transitar para o real. Ou seja, essa forma pode ser atualizada pelo ato de leitura, tal qual um ritual que produz um novo espaço ou uma renovação do espaço.

Mesmo que tentemos escapar, buscando espelhos onde há possibilidades, na leitura escorregamos para a ritualística de vestir os óculos de Miguilim. O espaço da literatura atualiza o espaço do leitor, produz uma transfiguração do olhar, que ultrapassa as bordas das coisas construídas. Se por um lado o fenômeno poderia ser lido, como propôs Jauss, como quebra de um horizonte de expectativas daquilo que se esperava do texto, por outro lado pode ser entendido como o processo de transformação mútua entre o espaço da literatura e o espaço do leitor. Um deslocamento inevitavelmente se processa: “O doutor limpou a goela, disse: - ‘Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se encham d’água...’” (Rosa, 1977, p. 3).

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 2007.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e Modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977;

² Essa trapaça salutar, essa esquivada, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*.” (Barthes, 2007, p.16)